



## O Museu Afro Brasil na paisagem cultural do Parque Ibirapuera (São Paulo)<sup>1</sup>

## The Afro Brazil Museum in the cultural landscape of Ibirapuera Park, São Paulo (SP), Brazil

## El Museo Afro Brasil en el paisaje cultural del Parque de Ibirapuera, São Paulo (SP), Brasil

Silvio Marcus de Souza Correia<sup>2</sup>

Recebido em: 25 jul. 2023  
Aceito para publicação em: 12 set. 2023

**Resumo:** A paisagem cultural do Parque Ibirapuera em São Paulo tem vários equipamentos modernistas, entre os quais se destaca o pavilhão sede do Museu Afro Brasil Emanuel Araújo (MAB|EA). Desde o 29.º número da série sobre os museus brasileiros do Instituto Cultural Joseph Safra, a relação cultura e natureza sobressai-se na narrativa do livro *Museu Afro Brasil*. Publicado em 2010, esse livro ilustrado

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste artigo foi apresentada na jornada de estudos *Pratiques photographiques institutionnelles dans la production, la gestion et les usages des espaces publics*, realizada na Université Paris Cité em meados de junho de 2022.

<sup>2</sup> Doutor pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Westfälische Wilhelms-Universität, de Münster, Alemanha. Professor adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC.

apresenta a instituição por meio de textos e fotografias. Além das fotografias de objetos do rico acervo museológico, há também várias que retratam partes externas e internas do moderno pavilhão no Parque Ibirapuera. Uma outra narrativa patrimonial advém do novo *website* oficial do MAB|EA, que contém algumas fotografias do edifício, de suas áreas internas e externas<sup>3</sup>. Tanto no livro *Museu Afro Brasil* (2010) quanto no *website* oficial do MAB|EA, a narrativa patrimonial da gestão e dos usos dos espaços (salas de exposição, auditório, biblioteca etc.) traduz diferentes práticas visuais de produção de imagens, notadamente sobre a paisagem cultural do Parque Ibirapuera.

**Palavras-chave:** paisagem cultural; patrimônio; museu; Parque Ibirapuera.

**Abstract:** The cultural landscape of Ibirapuera Park, in São Paulo (SP), Brazil, has several modernist buildings. Among them, the headquarters pavilion of the Afro Brazil Emanuel Araújo Museum (MAB|EA) stands out. Since the 29th issue of the series on Brazilian Museums of the Joseph Safra Cultural Institute, the relationship between culture and nature has been highlighted in the narrative of the book *Museu Afro Brasil*. Published in 2010, this illustrated book presents the institution through texts and photographs. In addition to photographs of objects from the rich museum collection, several photographs depict external and internal parts of the modern pavilion in Ibirapuera Park. Another heritage narrative comes from the new official website of the MAB|EA, which contains some photographs of the building, its internal and external areas. Both in the book *Museu Afro Brasil* (2010) and on the official website of MAB|EA, the heritage narrative of the management and uses of spaces (exhibition halls, auditorium, library, etc.) translates different visual practices of image production, notably about the cultural landscape of Ibirapuera Park.

**Keywords:** cultural landscape; heritage; museum; Ibirapuera Park.

**Resumen:** El paisaje cultural del Parque de Ibirapuera, en São Paulo (SP), Brasil, cuenta con varias instalaciones modernistas, entre las que se destaca el pabellón principal del Museu Afro Brasil Emanuel Araújo (MAB|EA). Desde el número 29 de la serie sobre museos brasileños del Instituto Cultural Joseph Safra, la relación entre cultura y naturaleza se destaca en la narrativa del libro *Museu Afro Brasil*. Publicado en 2010, ese libro ilustrado presenta la institución por medio de textos y fotografías. Además de fotografías de objetos de la rica colección del museo, también hay varias que representan partes externas e internas del pabellón moderno en el Parque de Ibirapuera. Otra narrativa patrimonial proviene del nuevo sitio *online* oficial de MAB|EA, que contiene algunas fotografías del edificio, sus áreas internas y externas. Tanto en el libro *Museu Afro Brasil* (2010) como en el sitio *online* oficial MAB|EA, la narrativa patrimonial de la gestión y usos de los espacios (salas de exposición, auditorio, biblioteca, etc.) traduce diferentes prácticas visuales de producción de imágenes, en particular sobre el paisaje cultural del Parque de Ibirapuera.

**Palabras clave:** paisaje cultural; patrimonio; museo; Parque Ibirapuera.

## A PAISAGEM CULTURAL DO PARQUE IBIRAPUERA

Na geografia alemã, o conceito de paisagem cultural (*Kulturlandschaft*) tem uma longa tradição. Em sua *Morfologia da paisagem cultural*, Carl Sauer (1998)

<sup>3</sup> [www.museuafrobrasil.org.br](http://www.museuafrobrasil.org.br)

acentuava a visibilidade da forma para a identificação de uma paisagem. Por sua vez, Otto Schlüter (1928), mediante a análise das pontes na paisagem cultural, inovou em termos metodológicos a chamada Geografia da Paisagem, na qual a ação antrópica era considerada por meio das marcas que ela deixava na paisagem.

Em meados do século XX, Leo Waibel introduziu o conceito de paisagem cultural em seus estudos de Geografia Agrária nas Américas, inclusive no Brasil (Etges, 2000). Uma abordagem mais ecológica (Harteisen *et al.*, 2000; Burggraaff e Kleefeld, 1998; Wöbse, 1998) buscou superar a dicotomia entre paisagens culturais e naturais. Nas últimas décadas, outros geógrafos têm contribuído para o debate sobre a paisagem cultural (Hampicke, 2013; Reeh; Ströhlein; Badel, 2010; Matthiesen *et al.*, 2006; Jones, 2003; Haber, 2001). Recentemente, um calendário publicado por uma entidade alemã (BHU), organizado por Hanna Sobotka e Inge Gotzmann (2022), teve por tema o bosque como paisagem cultural da Alemanha.

O Parque Ibirapuera é um exemplo de paisagem cultural na maior cidade da América do Sul. Inaugurado em 1954, o parque faz parte também do patrimônio histórico da metrópole de São Paulo. Com mais de 150 hectares, tornou-se o “pulmão verde” do maior centro industrial do país<sup>4</sup>. Além da sua área verde, o local conta com um conjunto de prédios conectados por uma marquise no estilo modernista dos meados do século XX. Esse conjunto arquitetônico foi projetado por Oscar Niemeyer. Segundo Fernanda Araújo Curi (2019, p. 2), o Parque Ibirapuera é uma das obras mais significativas do arquiteto em São Paulo, sendo a sua expressão máxima após Pampulha (1943) e a mais importante antes de Brasília (1960). Ainda sobre o projeto, Paulo César Garcez Marins (1998-1999, p. 26) informa:

O projeto final acabou por compreender, grosso modo, os pavilhões dedicados à Agricultura, às Indústrias, às Nações, aos Estados e às Exposições, os quatro últimos ligados pela grande marquise, papel ordenador que na Pampulha era realizado pelo lago e que, em São Paulo, foi substituído por uma espécie de “espelho d’água de concreto”.

O projeto de paisagismo do Parque Ibirapuera deveria ficar por conta de Roberto Burle Marx. O paisagista já havia trabalhado com Niemeyer no projeto da Pampulha (1943), no entanto o planejamento arquitetônico e paisagístico do Parque do Ibirapuera teve problemas desde a sua origem (Miglionico, 2007; Barone, 2009; Cury, 2016; Curi, 2017). Para ficar num exemplo, o projeto do parque valorizava a área pavimentada (100.000 m<sup>2</sup>) e para estacionamento (200.000 m<sup>2</sup>) em detrimento de sua área verde (430.000 m<sup>2</sup>). Ao menos, os gastos com os equipamentos de concreto armado superaram em muito as despesas com seus jardins (Gastos [...], 1954). Importante lembrar a diferença orçamentária entre o projeto paisagístico de Burle Marx e a proposta de Teixeira Mendes<sup>5</sup>. Este último teve a sua proposição contemplada e supervisionou a execução dos trabalhos entre 1953 e 1956 (Lima, 2021, p. 77-78)<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Ver informações sobre o Parque Ibirapuera em: <https://www.parquedoibirapuera.org/>.

<sup>5</sup> Para Fernanda Curi (2017, p. 107) o preterimento do projeto de Burle Marx para o Ibirapuera seria menos de razão orçamentária e mais de ordem pessoal. Ela aventa a hipótese de que Oscar Niemeyer pudesse ter agido nos bastidores contra a escolha de Burle Marx. Fabiano Oliveira (2003, p. 13) não descarta a possibilidade de ter havido um receio por parte de Niemeyer de que os jardins de Burle Marx fossem concorrer com os seus edifícios.

<sup>6</sup> Cabe ressaltar que, mesmo sem ter sido executado, o projeto de Burle Marx para o Ibirapuera foi considerado uma obra de arte paisagística, sendo incorporado ao acervo do Museum of Modern Art (MoMA) de Nova York (Lima, 2021, p. 78; Curi, 2017, p. 130).

Destaca-se do conjunto de edifícios do Parque Ibirapuera o antigo Palácio das Nações, inaugurado em 1953 para o IV centenário da cidade (Lofego, 2004). Trata-se de um prédio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)<sup>7</sup>. Segundo um primeiro artigo sobre o complexo arquitetônico do Parque Ibirapuera na revista *Acrópole* (Exposição [...], 1953, p. 211), tem-se as seguintes informações:

Este Pavilhão se destina no programa das comemorações, a abrigar parte da Exposição Internacional a ser inaugurada em julho próximo. É uma obra magnífica pelas suas linhas arquitetônicas, mais uma demonstração do vigor de nossa arquitetura moderna.

O pavilhão do antigo Palácio das Nações, no entanto, teve múltiplos usos desde a sua inauguração até tornar-se a sede do Museu Afro Brasil em 2004. Duas décadas depois da sua inauguração, o Ibirapuera era “ainda um parque inacabado” e seus pavilhões foram ocupados e utilizados pela administração pública à revelia do projeto original (O Ibirapuera [...], 1975).

Muito embora o Parque Ibirapuera tenha sido objeto de trabalhos acadêmicos no campo da arquitetura e do urbanismo (Miglionico, 2007; Barone, 2009; Curi, 2017; Barone, 2018), nota-se que a paisagem cultural nunca foi o tema principal quando se trata do primeiro parque metropolitano de São Paulo (Ferraz, 1993). Mesmo quando o Parque Ibirapuera foi abordado num seminário sobre paisagens culturais, tal conceito não foi empregado pela autora de um interessante trabalho sobre o parque como um ícone da paisagem paulistana (Miglionico, 2008). Esses estudos, por outro lado, demonstram o quanto as vicissitudes do parque decorreram das relações de poder e de interesses entre o público e o privado.

Como paisagem cultural, o Parque Ibirapuera não decorre apenas de projetos e de suas realizações parciais ou integrais, mas também da ação antrópica nem sempre racional e, sobretudo, do efeito agregado de ações individuais ou coletivas. Nesse sentido, ele é muito mais do que o resultado de uma cultura urbana industrial que predominava em São Paulo nos meados do século XX. Trata-se de uma paisagem cultural porque os seus usuários reproduzem certas práticas desportivas, de lazer, de entretenimento, de sociabilidade e tantas outras em seus espaços verdes e de concreto. Como defende Mauro Lima (2021) em sua tese, a paisagem do local é uma construção coletiva. Por outro lado, o protagonismo de um empresário industrial como Francisco Matarazzo Sobrinho foi de suprema importância para a realização do Parque Ibirapuera, bem como para o Museu de Arte Moderna (MAM). O empresário ítalo-brasileiro foi o presidente da Comissão Organizadora do IV Centenário da Cidade de São Paulo (Lima, 2021, p. 77; Cury, 2016, p. 35). Segundo o próprio arquiteto Oscar Niemeyer, foi Matarazzo quem tratou com ele sobre o planejamento do parque (Niemeyer, 2000, p. 31).

Desde as obras para a realização do projeto do Parque Ibirapuera, o fotojornalismo foi decisivo para conquistar o público (Cury, 2016, p. 51). Se o arquiteto responsável dava grande visibilidade ao projeto, até mesmo em nível internacional, as imagens publicadas na imprensa tiveram um efeito multiplicador para uma ideologia modernista marcada pelo formalismo das formas orgânicas em concreto armado e que passara a ser um apanágio da arquitetura moderna nacional.

<sup>7</sup> Além do IPHAN, o pavilhão é tombado por mais duas instituições: CONDEPHAAT e Conpresp.

O devir do Parque Ibirapuera foi, no início, tema de debate. Cabe ressaltar que Oscar Niemeyer e sua equipe criticaram o desvirtuamento do projeto original dele. Nota-se que a paisagem cultural do parque é mais um resultado dos acasos e dos improvisos da administração pública do que de um planejamento racionalista e modernista. Em certa altura, houve ainda imediatismo. Ao passo que os pavilhões iam sendo construídos e os recursos diminuía, a obra afastava-se do projeto original, inclusive com a supressão de equipamentos como o restaurante e de outros ônus suplementares (Curi, 2017, p. 113).

Um exemplo emblemático é o pavilhão sede atual do Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, que fazia parte do conjunto denominado pelos idealizadores do projeto arquitetônico de “Palácio das Artes”. Apesar de acolher exposições como a Bienal de São Paulo, o prédio teve outras funções nas décadas seguintes. Entre 1961 e 1991, já renomeado Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, foi sede da Prefeitura de São Paulo. Entre 1997 e 1998, o prédio abrigou algumas exposições da Pinacoteca do Estado de São Paulo por meio do projeto Pinacoteca no Parque. Em 2004, tornou-se sede do Museu Afro Brasil<sup>8</sup>. Ver-se-á a seguir como a narrativa do livro *Museu Afro Brasil* (2010) pouco valorizou o conjunto da paisagem cultural do parque mais visitado do Brasil.

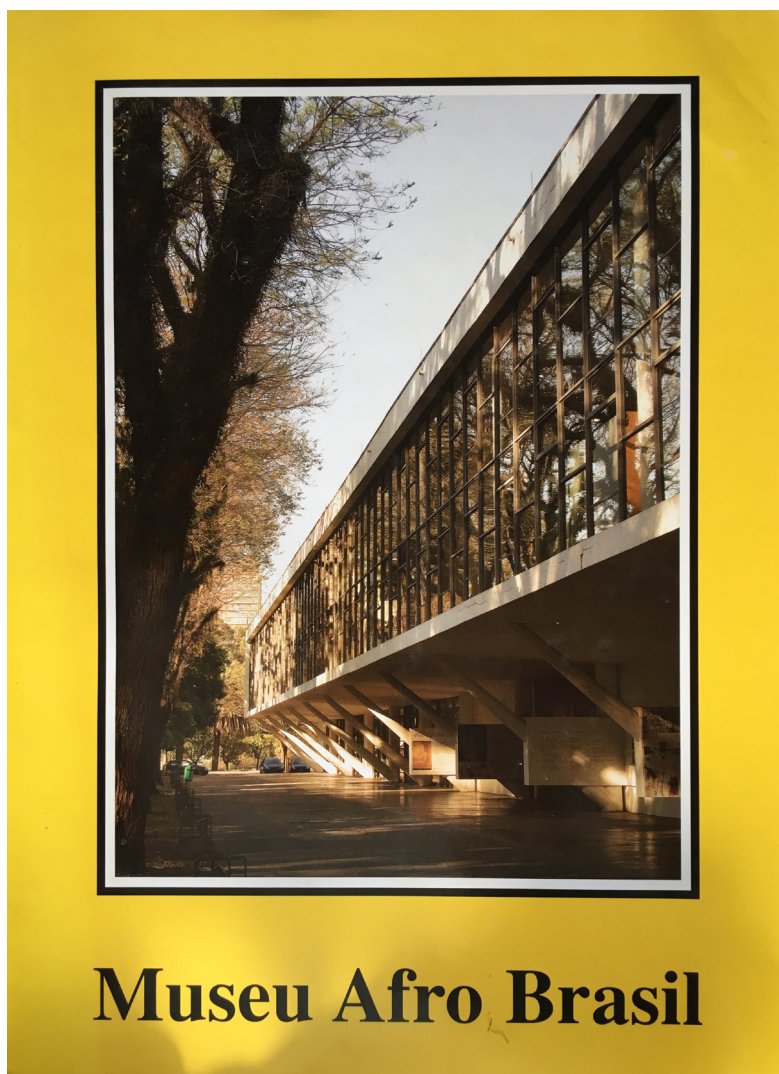
## FOTOGRAFIAS E NARRATIVA PATRIMONIAL

Desde 1982, o Instituto Cultural Joseph Safra publica uma série de livros sobre os museus brasileiros. Joseph Safra (1938-2020) nasceu em Beirute numa família de banqueiros judeus. Décadas depois de sua instalação no Brasil, tornou-se o homem mais rico do país (Vaz, 2013); o banqueiro era também filantropo e mecenas. Em 2010, o Instituto Cultural Joseph Safra lançou o vigésimo nono número da série *Museus Brasileiros*. A fotografia que ilustra a sobrecapa do livro sobre o Museu Afro Brasil mostra uma parede externa do edifício com a sua arquitetura modernista. Em suas janelas, reflete-se a imagem do arvoredo. O contraste entre o concreto e as árvores não é anódino, pois o MAB situa-se no Parque Ibirapuera, considerado o “pulmão” da maior cidade industrial da América Latina. Além disso, a imagem sugere a relação harmoniosa entre cultura e natureza. Tem-se numa só figura dois patrimônios de São Paulo: a natureza domesticada na circunscrição do parque e a arquitetura modernista, pois o museu encontra-se num pavilhão, cujo projeto foi concebido por Oscar Niemeyer e outros arquitetos<sup>9</sup>, com 11.000 m<sup>2</sup> de área construída para as comemorações oficiais do IV Centenário da Cidade de São Paulo em 1954.

<sup>8</sup> Nota-se que, com apenas um lustro de tempo, o MAB teve um livro na célebre edição *Museus Brasileiros*, do Banco Safra. Nessa série, destaca-se a arquitetura dos prédios, além do rico acervo dessas instituições. Os prédios históricos agregam valor à museologia. Por outro lado, esses “templos” museológicos formam um conjunto do patrimônio arquitetônico e artístico brasileiro.

<sup>9</sup> Os arquitetos do projeto foram Eduardo Kneese de Mello, Hélio Uchôa, Oscar Niemeyer e Zenon Lotufo.

Figura 1 – Sobrecapa do livro *Museu Afro Brasil* (2010)



Fonte: Museu [...], 2010 (fotografia de Rômulo Fialdini)

A história do Museu Afro Brasil confunde-se com as últimas décadas de vida do seu idealizador e diretor, o artista plástico, colecionador e curador Emanuel Araújo (1940-2022). Falecido no dia 7 de setembro de 2022, Emanuel Araújo foi diretor executivo e curador desse museu. Para ele, “o Museu Afro Brasil, sendo um museu brasileiro, não pode deixar de ser também um museu da diáspora africana no Novo Mundo” (Araújo, 2010b, p. 9). Ainda destaca a localização do MAB na “maior cidade brasileira e numa das maiores do mundo”, onde africanos e seus descendentes souberam “conservar o patrimônio de sua cultura” (Araújo, 2010b, p. 10). Curiosamente, não há nesse texto, ou no seguinte do mesmo autor, intitulado “Saber da memória” (Araújo, 2010a, p. 15-18), nenhuma referência ao prédio, ao corpo físico do MAB. Os dois outros textos também nada comentam sobre o prédio. Um deles é assinado pelo africanista e membro da Academia Brasileira de Letras, Alberto Costa e Silva, e o outro pela antropóloga e então curadora de planejamento do MAB, Ana Lúcia Lopes.

A única referência ao pavilhão encontra-se no texto de apresentação, no qual Emanuel Araújo (2010a, p. 7) comenta:

Assim, nos espaços do Pavilhão Manoel da Nóbrega, desenhado por Oscar Niemeyer, somos levados ao bumba-meu-boi e o cazumbá do Maranhão, aos folguedos dos Guerreiros de Alagoas, conduzidos pelo Mestre Zenon – construtor dos magníficos chapéus de catedrais luminosas, feitos de espelhos e contas de aljôfares –, às máscaras das cavalhadas de Pirenópolis, uma herança portuguesa da luta entre cristãos e mouros, aos maracatus de baque virado e ao maracatu rural da Zona da Mata de Pernambuco. Enfim, a toda essa herança sincrética entre a África e o Brasil cristão, consagrada também como história do Brasil.

Nota-se que as culturas afro-brasileiras são evocadas por meio de objetos do acervo museológico. Confirma-se a predominância de elementos visíveis na identidade da paisagem cultural do Parque Ibirapuera, inclusive do seu espaço museológico. Nas 360 páginas do livro *Museu Afro Brasil*, mais de 300 delas são ilustradas com fotografias de seus acervos (esculturas, objetos etnográficos, pinturas, gravuras, fotografias etc.). Causa estranheza a falta de um discurso patrimonial no livro, todavia imagens do prédio revelam a arquitetura arrojada de Oscar Niemeyer e a razão pela qual o prédio foi tombado pelo IPHAN. Conclui-se que, na falta de um discurso patrimonial, coube à narrativa visual do livro mostrar o corpo físico do MAB e o seu rico acervo.

Tem-se ainda na obra *Museu Afro Brasil* a reprodução de duas plantas baixas. A primeira indica a localização do MAB no Parque Ibirapuera (Museu [...], 2010, p. 26); a segunda mostra os pisos (superior, térreo e inferior) do MAB com seus espaços físicos e suas respectivas funções. Nota-se que o livro confere um silêncio sobre a história do próprio prédio e sobre a sua importância em termos arquitetônico, patrimonial e artístico. Concebido pelo arquiteto mais famoso do Brasil, parece haver um “apagamento ideológico” na medida em que o prédio do MAB foi construído em 1953 para as comemorações oficiais do IV Centenário da Cidade de São Paulo. A ideologia modernista dos meados do século XX deu azo a uma glorificação do bandeirantismo em São Paulo que contribuiu para a invisibilidade da população negra, que passava por um processo de marginalização durante a urbanização e industrialização de São Paulo<sup>10</sup>. Cabe lembrar que o Monumento às Bandeiras foi inaugurado no início de 1953 (Cury, 2016, p. 66). Segundo Paulo César Garcez Marins (1998-1999, p. 13):

A busca de conteúdos simbólicos nos conjuntos monumentais assentados no Parque do Ibirapuera, entre 1936 e 1955, permite a montagem de um painel da transformação dos discursos visuais propostos ou acolhidos pelas elites e pelo poder público, em relação direta com as propostas de construção identitária relativas ao ser paulista – do mito do bandeirante até seu abandono.

Além de monumentos, o Ibirapuera foi incrementado com equipamentos modernos, inclusive para grandes exposições. O antigo Palácio das Nações tornou-se a sede do Museu Afro Brasil. O protagonismo de Emanuel Araújo foi fundamental para a inserção do patrimônio material afro-brasileiro na paisagem cultural do parque. Muito embora a tese de Lima (2021) sobre a construção coletiva do parque seja válida, não se pode negar as agências individuais como as de Francisco Matarazzo Sobrinho para a realização do Parque Ibirapuera e de Emanuel Araújo para a do Museu Afro Brasil.

<sup>10</sup> Roger Bastide e Florestan Fernandes (1959) trataram das formas de exclusão social na capital paulista e o preconceito de cor.

Em 2004, o projeto museológico do MAB foi aprovado pelo poder público de São Paulo pelo decreto 44.816 de 1/6/2004, sendo inaugurado no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega no Parque Ibirapuera de São Paulo, com a presença até mesmo do Presidente da República<sup>11</sup>. Nota-se que a integração do MAB na paisagem cultural do Ibirapuera fomentou um novo perfil de visitantes. A proposta pedagógica do museu tem contribuído para a democratização do acesso às artes e ao patrimônio cultural (Lopes, 2010).

O atual Museu Afro Brasil Emanuel Araújo tem um acervo de mais de 8 mil objetos etnográficos e artísticos, entre esculturas, pinturas, fotografias e documentos, desde o século XVIII até os nossos dias, sendo a maioria oriunda da coleção particular de Emanuel Araújo, que fez várias doações desde 2004 à instituição museológica criada por ele mesmo. Além dos espaços destinados às exposições permanentes e temporárias, dispõe o MAB|EA de um auditório e de uma biblioteca. Desde 2009, esse museu é uma instituição pública, vinculada à Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Trata-se da principal referência museológica sobre o patrimônio cultural africano e afro-brasileiro na América do Sul, no entanto o livro *Museu Afro Brasil* versa sobre este sem nada comentar sobre o patrimônio arquitetônico que representa o prédio por si mesmo. Nesse livro, as centenas de fotografias do acervo do MAB integram uma narrativa visual do patrimônio cultural africano e afro-brasileiro sem levar em conta a “musealização” do pavilhão construído em 1953 e que é a sede do museu desde 2004.

## FOTOGRAFIAS E NARRATIVA MUSEOLÓGICA

Na nova página *online* do Museu Afro Brasil Emanuel Araújo (2023a), tem-se a informação de que o MAB|EA encontra-se localizado “no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, dentro do mais famoso Parque de São Paulo, o Parque Ibirapuera”. No seu item História (Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, 2023b), não há nenhuma referência à vida pregressa do pavilhão de 11.000 m<sup>2</sup> que, desde 2004, é a sede do MAB|EA.

Encontra-se no *website* do MAB|EA um discurso museológico, notadamente quando se trata da missão, da visão e dos valores. O mesmo texto de autoria de Emanuel Araújo e publicado no livro *Museu Afro Brasil*, do Banco Safra, está disponível no *website* (Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, 2023c). Encontra-se ainda um conjunto de documentos como o Plano Museológico da Associação Museu Afro Brasil. Dele, extrai-se o seguinte:

Por se situar em um parque, o museu tem, em seu entorno, grande número de árvores, que influenciam as condições do edifício sob dois aspectos: atenuando a temperatura, atuando como barreira natural contra a luminosidade, fator que em muito favorece ao museu, uma vez que toda a lateral do edifício é constituída por grandes janelas de vidro. Por outro lado, a presença desse grande número de árvores propicia a infestação de insetos xilófagos (cupins), o que exige atenção contínua da equipe de salvaguarda, que conta com inspeção mensal de equipe especializada para controle de pragas (Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, 2016, p. 47).

<sup>11</sup> A fotografia de grupo, de autoria de Ricardo Stuckert, registrou a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao lado da primeira dama Marisa Letícia, com o diretor do MAB, Emanuel Araújo, a ministra Matilde Ribeiro, Celso Frateschi, Cláudio Lembo (à direita) e Hélio Bicudo (à esquerda).



Num país tropical, a conservação de obras de arte é um grande problema, ainda mais quando o acervo se encontra em pleno parque, como é o caso do MAB. De qualquer modo, o pavilhão de 11.000 m<sup>2</sup> já tinha sido planejado para acolher exposições. Ainda no Plano Museológico (Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, 2016, p. 6-7), pode-se obter a seguinte informação:

O Pavilhão Manoel da Nóbrega integra um conjunto arquitetônico tombado pelo Instituto Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1997 e projetado por Oscar Niemeyer e sua equipe (Eduardo Kneese de Mello, Zenon Lotufo, Hélio Cavalcanti; com colaboração de Gauss Estelita e Carlos Lemos). Ele foi inaugurado em dezembro de 1953, integrando as atividades oficiais de comemoração do IV Centenário da cidade de São Paulo. Esse conjunto arquitetônico é o resultado do convite feito a Oscar Niemeyer por Francisco Matarazzo – o “Ciccillio”, então presidente da comissão para as comemorações do IV centenário – e compreende a Marquise, os Pavilhões da Agricultura (atual MAC USP 7 Ibirapuera), das Indústrias (atual prédio da Fundação Bienal), dos Estados, das Exposições (a OCA) e um auditório, previsto no projeto original, mas com a construção iniciada apenas em 2004, atualmente com alterações do próprio Niemeyer no projeto, o atual Auditório do Ibirapuera. O conjunto arquitetônico pretendia concentrar no Parque Ibirapuera uma imensa gama de atividades de cultura, lazer e entretenimento, transformando o novo parque num centro irradiador de arte e cultura. No mesmo ano de 1953 se confirma a vocação deste conjunto. O Parque Ibirapuera recebe a II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. No marco dos 400 anos da cidade, o Pavilhão das Indústrias e o das Nações abrigam obras de artistas do mundo inteiro. O primeiro pavilhão fora destinado às representações das Américas, do Brasil e à Mostra Internacional de Arquitetura, enquanto o Pavilhão das Nações fora destinado às representações da Europa e do Oriente. Entre estas obras estava Guernica, ao lado de outras 74, em uma sala especial reservada ao catalão Pablo Picasso. A mostra contou com 3.374 obras de 33 países. A edição seguinte da Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo ainda ocupou os dois Pavilhões do conjunto, e embora a terceira edição da Bienal consolidasse os propósitos do evento, não conseguiu repetir o impacto da anterior. Mas é logo em seguida que a vocação deste Pavilhão é interrompida. Entre os anos de 1961 e 1991 a sede do Gabinete da Prefeitura transfere-se para o prédio. No entanto, estes trinta anos de intermezzo não foram suficientes para apagar a vocação original.

A “vocação original” parece contradizer a constatação técnica de que o local não era o mais acertado, pois havia riscos para a conservação do acervo por causa dos insetos xilófagos e da intensa luz solar. Curiosamente, o Plano Museológico não possui nenhuma fotografia do pavilhão, muito embora apresente ilustrações de obras do acervo. Tem o mérito, no entanto, de informar sobre a construção do pavilhão em 1953 e sobre as funções do prédio antes de sua “musealização”.

**Figura 2 – Museu Afro Brasil**



Fonte: Fotografia de Nelson Kon (acervo do MAB|EA)

A imagem da figura 2 é semelhante àquela fotografia que ilustra a sobrecapa do livro *Museu Afro Brasil*. Destaca-se a arquitetura do prédio e a sua proximidade com o arvoredo alinhado, o que indica a mão humana, ou seja, a ação antrópica de uma “natureza domesticada”, característica dos jardins na paisagem cultural. Em ambas as imagens, não há pessoas; o local mostra-se como um “oásis” de paz e serenidade. Para uma metrópole de quase 20 milhões de habitantes, onde há muita gente por toda parte, centros comerciais com enorme fluxo de pessoas, ruas cheias de transeuntes, metrô lotados e trânsito congestionado em qualquer horário, a imagem externa do MAB|EA adquire um valor de tranquilidade e de harmonia entre o concreto e a natureza, em que as pessoas podem se refugiar da multidão e da poluição sonora da cidade.

**Figura 3 – Museu Afro Brasil**



Fonte: Fotografia de Nelson Kon (acervo do MAB|EA – Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, 2023a)

Ainda na página *online* do MAB|EA, tem-se uma fotografia de obras no grande salão da exposição permanente. Pode-se ver o arvoredo através das janelas (figura 3). Da biblioteca do museu, uma outra fotografia mostra ao fundo uma árvore através de janelas. É dado destaque para a imagem da rampa que dá acesso ao auditório Ruth de Souza. A página da internet tem ainda uma fotografia do Parque Ibirapuera com a seguinte informação: “Foi inaugurado em 1954, por ocasião do IV Centenário da cidade, com projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer e projeto paisagístico de Roberto Burle Marx” (Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, 2023d). Com tamanha produção acadêmica sobre o parque, notadamente do Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), causa estranheza que o MAB|EA reproduza ainda uma informação equivocada, já que o projeto do paisagista Burle Marx fora preterido em favor da proposta do engenheiro agrônomo Teixeira Mendes.

No *website* oficial do museu, destaca-se a localização em meio à maior área verde dentro da cidade de São Paulo. A relação entre natureza e cultura sugere ainda diferentes usos dos espaços externos do museu. Para usuários incautos, as imagens do museu no meio de árvores frondosas podem dar uma falsa ideia de que a área verde é anterior aos equipamentos de uma arquitetura modernista arrojada dos meados do século XX. Fotografias das obras do Parque Ibirapuera mostram, no entanto, o quanto os prédios erguidos em 1953 são mais antigos que muitas das árvores que, hoje, lhes dão sombra. Escusado é lembrar que os jardins – assim como a área pavimentada – fazem parte da “paisagem humanizada” do parque. Dito de outra maneira, a “paisagem original” (*Urlandschaft*), como definia Otto Schlüter (1928), ou seja, aquela antes da intervenção humana, resta inatingível aos olhos dos visitantes do Parque Ibirapuera. Somente o nome de origem tupi-guarani indica a paisagem original: um brejo ou charco<sup>12</sup>.

## A DIVERSIDADE DOS ESPAÇOS E DAS PRÁTICAS VISUAIS DO MAB

Nas funções “entrada e horário de funcionamento”, “como chegar ao museu” e “onde comer”, encontradas no menu do novo *website* do MAB|EA, algumas imagens destacam o verde da paisagem do parque. Essas fotografias contrastam com a poluição urbana de uma megalópole. Cabe ressaltar ainda que o Plano Museológico do MAB havia apontado para a poluição do ar como um problema para a conservação do acervo. O Parque Ibirapuera, por sua vez, é local para várias práticas desportivas e de lazer da população. O próprio *website* informa sobre as práticas que podem ser realizadas no parque após a visita ao museu.

Por outro lado, a página da internet do MAB|EA pouco ou quase nada informa sobre os outros museus do Parque Ibirapuera. Tem-se apenas a sucinta informação:

Estão disponíveis espaços para atividades físicas, além da pista de *cooper*, ciclovia, quadras poliesportivas, *playgrounds*, além de outras opções culturais como a Oca, o Planetário, o MAM, o Pavilhão da Bienal, o Pavilhão Japonês, o Auditório Ibirapuera, o Viveiro Manequinho Lopes e outros (Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, 2023d).

<sup>12</sup> Sobre a paisagem anterior ao parque, ver por exemplo: Lima (2021, p. 47); Barone (2017, p. 169); Cury (2016, p. 52).

O Museu de Arte Contemporânea, o Museu de Arte Moderna, os pavilhões das Culturas Brasileiras e da Bienal de Artes de São Paulo formam, juntamente com o MAB|EA, um complexo museológico ímpar e que se destaca na paisagem cultural do Parque Ibirapuera.

Em termos de práticas visuais, o MAB|EA usa fotografias para diversos fins. Além do seu caráter informativo e ilustrativo no *website* oficial do museu, elas são utilizadas em diversos painéis da exposição permanente e das exposições temporárias. São também aplicadas em relatórios técnicos e nas publicações do museu, como a *Revista do Núcleo de Educação*, que publica retratos do museu como ilustração de editoriais e artigos.

A circulação das imagens do pavilhão sede do MAB|EA ocorre em diversos suportes materiais como painéis, artigos de revistas e material de divulgação de exposições, além do *website* oficial do museu, catálogos etc. Muito embora a “musealização” do pavilhão não seja ponto determinante no discurso patrimonial, percebe-se o destaque de uma perspectiva que faz cultura e natureza dialogar como dois bens de inestimado valor numa das cidades mais violentas e industrializadas do Brasil.

## PATRIMÔNIO AFRO-BRASILEIRO E NARRATIVA VISUAL

O livro *Museu Afro Brasil* contém centenas de fotografias realizadas por Rômulo Fialdini e por sua assistente na época, Milene Rinaldi, porém não há indicação de quais fotografias são de Fialdini e quais são de Rinaldi. Rômulo Fialdini é um fotógrafo profissional. Iniciou a sua carreira em 1970 como assistente do fotógrafo Luiz Hossaka, no Museu de Arte de São Paulo (Masp). Nesse museu, ele produziu imagens para catálogos, para livros e para o arquivo de documentos de Lina Bo Bardi (Galeria Raquel Arnaud, 2023).

Sobre o livro *Museu Afro Brasil*, do Banco Safra, o fotógrafo Rômulo Fialdini confirmou em correspondência com o autor do presente artigo que a fotografia da sobrecapa é de sua autoria. Informou ainda que, provavelmente, foi Emanuel Araújo quem escolheu aquela fotografia entre tantas outras. Nota-se que a narrativa visual do livro *Museu Afro Brasil* tem como “matéria-prima” as fotografias de Rômulo Fialdini e de sua assistente Milene Renaldi, e a escolha delas foi do então diretor do MAB, contudo a narrativa visual obedeceu a uma estrutura prévia, já que a série *Museus Brasileiros* tem um padrão.

No *website* do MAB|EA não há sempre indicação de quem fez as fotografias que ilustram certas opções do menu e *banners*. Em suas publicações, algumas imagens da parte externa do pavilhão ou de seus espaços internos têm a referência do autor delas. Para ficar em dois exemplos, podemos citar as fotografias de Nelson Kon e Rômulo Fialdini, nas respectivas edições de 2020 e 2021 da revista do Núcleo de Educação do MAB.

Tanto no livro *Museu Afro Brasil* quanto no *website* oficial do museu, nota-se que o patrimônio afro-brasileiro se inscreve numa narrativa visual que utiliza clichês de diferentes fotógrafos. Além do profissionalismo destes, as linhas editoriais da série *Museus Brasileiros* e do MAB|EA definem a narrativa visual na qual a paisagem cultural do Ibirapuera é também constituída pelo patrimônio afro-brasileiro.

## UM PALIMPSESTO

O Museu Afro Brasil Emanuel Araújo é um elemento emblemático da paisagem cultural no Parque Ibirapuera. Depois de seis décadas, os prédios do conjunto arquitetônico idealizado por Oscar Niemeyer passaram por reformas. Outras intervenções no parque ao longo das décadas modificaram a sua fisionomia; por outro lado, a “natureza domesticada” ganhou porte. O Parque Ibirapuera pode ser “lido” como um palimpsesto da pretendida modernidade de São Paulo.

A paisagem cultural do Ibirapuera tem temporalidades múltiplas que são perceptíveis, por exemplo, no corpo físico do pavilhão que sedia o MAB|EA e que passou por várias reformas, inclusive uma recente. Segundo o relatório técnico de prestação de serviços especializados de engenharia, para a reforma, o restauro e a adequação do imóvel denominado Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, sede do Museu Afro Brasil, os principais problemas do prédio eram da cobertura, da drenagem pluvial e da acessibilidade. Além das intervenções nesses pontos referidos, houve ainda a reforma das instalações hidrossanitárias, do sistema elétrico e das instalações de ar-condicionado, ventilação e exaustão. Essas melhorias visam, outrossim, garantir a funcionalidade do pavilhão como sede do MAB|EA.

Em termos de paisagem cultural, as imagens de um museu ou de um parque têm um papel importante para a sua representação como patrimônio. As fotografias do MAB|EA usadas para diversas finalidades, como divulgação de exposição ou de cursos, oficinas e publicação de catálogos ou livros, mostram, geralmente, a parte externa e lateral do pavilhão e do seu entorno verde. A administração pública do Parque Ibirapuera também faz uso de fotografias para material de divulgação e de comunicação com os usuários do maior parque da cidade, e no *website* do Parque Ibirapuera imagens do pavilhão do MAB|EA são também utilizadas<sup>13</sup>.

O Museu Afro Brasil Emanuel Araújo tem um rico acervo que pode ser considerado um semióforo do patrimônio afro-brasileiro. A sua localização num prédio de arquitetura modernista concorre para a integração de tal patrimônio à paisagem cultural do Parque Ibirapuera. Nesse museu, além do rico acervo, pode-se vislumbrar o patrimônio arquitetônico e artístico de uma das mais importantes cidades do Brasil, mas também da história, da memória e da museologia brasileira.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. Saber da memória. *In*: MUSEU Afro Brasil. São Paulo: Banco Safra, 2010a. p. 15-18. (Museus brasileiros, v. 29).

ARAÚJO, Emanuel. Um conceito em perspectiva. *In*: MUSEU Afro Brasil. São Paulo: Banco Safra, 2010b. p. 9-10. (Museus brasileiros, v. 29).

ARQUIVO IBIRAPUERA E PARQUES URBANOS. Disponível em: [parqueibirapuera.org](http://parqueibirapuera.org). Acesso em: set. 2023a.

ARQUIVO IBIRAPUERA E PARQUES URBANOS. **Museu Afro Brasil**. Disponível em: <https://ibirapuera.org/equipamentos-parque-ibirapuera/museu-afro-brasil/>. Acesso em: set. 2023b.

<sup>13</sup> As três fotografias do MAB|EA no website do Parque Ibirapuera são dos fotógrafos Nelson Kon e Michael Schissel (Arquivo Ibirapuera e Parques Urbanos, 2023b). Podem-se comparar essas imagens do MAB|EA com outras do antigo Palácio das Nações inaugurado em dezembro de 1953. O projeto aprovado em 1952 foi executado em pouco menos de um ano (de janeiro a dezembro de 1953).

BARONE, Ana Cláudia Castilho. Antes do Parque Ibirapuera: a história do vazio (1890-1954). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 25, n. 3, p. 167-194, 2017.

BARONE, Ana Cláudia Castilho. A oposição aos pavilhões do Parque Ibirapuera (1950-1954). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 295-316, jul./dez. 2009.

BARONE, Ana Cláudia Castilho. **Ibirapuera: parque metropolitano (1926-1954)**. São Paulo: Editora Intermeios, 2018.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branco e negro em São Paulo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. (Brasiliana, v. 305).

BURGGRAAFF, Peter; KLEEFELD, Klaus-Dieter. **Historische Kulturlandschaft und Kulturlandschaftselemente**. Bonn-Bad Godesberg: Bundesamt für Naturschutz, 1998. (Angewandte Landschaftsökologie, v. 20).

COSTA E SILVA, Alberto. Um rápido olhar sobre a África. *In*: MUSEU Afro Brasil. São Paulo: Banco Safra, 2010. p. 11-14 (Museus brasileiros, v. 29).

CURI, Fernanda Araújo. Bule Marx e o Parque Ibirapuera: quatro décadas de descompasso (1953-1993). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 103-138, set. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v25n3/1982-0267-anaismp-25-03-103.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CURI, Fernanda Araújo. **Ibirapuera, metáfora urbana**. O público/privado em São Paulo. 1954-2017. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: 10.11606/T.16.2019.tde-09012019-113200. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-09012019-113200/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CURI, Fernanda Araújo. Ibirapuera, um projeto inacabado: as vicissitudes do parque e seus pavilhões publicadas nas revistas de arquitetura. *In*: SEMINÁRIO DOCOMOMO, 13., 7 a 10 out. 2019, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2019. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2020/04/110532.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2023.

CURY, Laura de Souza. **O Parque Ibirapuera e a construção da imagem de um Brasil moderno**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/27890099/O\\_Parque\\_Ibirapuera\\_e\\_a\\_construção\\_da\\_imagem\\_de\\_um\\_Brasil\\_moderno/](https://www.academia.edu/27890099/O_Parque_Ibirapuera_e_a_construção_da_imagem_de_um_Brasil_moderno/). Acesso em: 20 jul. 2023.

ETGES, Virgínia. **Geografia Agrária. A contribuição de Leo Waibel**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

EXPOSIÇÃO do IV Centenário. **Acrópole**, São Paulo, ano 16, n. 185, p. 209-218, set. 1953. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FERRAZ, Vera Maria de Barros. O parque da metrópole. **Memória**, São Paulo, v. 4, n. 18, p. 16-23, 1993.

GALERIA RAQUEL ARNAUD. **Rômulo Fialdini** – biografia. Disponível em: <https://raquelarnaud.com/artistas/romulo-fialdini-2/#biografia>. Acesso em: set. 2023.

GASTOS com as obras do Ibirapuera. **O Estado de S. Paulo**, 21 ago. 1954.

HABER, Wolfgang. Kulturlandschaft zwischen Bild und Wirklichkeit. **Forschungs- und Sitzungsberichte der Akademie für Raumforschung und Landesplanung**, 2001. v. 215, p. 6-29.

HAMPICKE, Ulrich. **Kulturlandschaft Und Naturschutz: Probleme-Konzepte-Ökonomie**. Berlin: Springer, 2013.

HARTEISEN, Ulrich *et al.* (org.). **Kulturlandschaftsforschung und Umweltplanung**. Tagungsdokumentation. Herdecke: GCA-Verlag, 2000.

JONES, Michael. The concept of cultural landscape: discourse and narratives. *In*: PALANG, Hannes; FRY, Gary (org.). **Landscape interfaces**. Cultural heritage in changing landscapes. Dordrecht: Kluwer, 2003. p. 21-51.

LIMA, Mauro Olivieri. **A construção coletiva da paisagem do Parque Ibirapuera**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/83461190/A\\_CONSTRUÇÃO\\_COLETIVA\\_DA\\_PAISAGEM\\_DO\\_PARQUE\\_IBIRAPUERA/](https://www.academia.edu/83461190/A_CONSTRUÇÃO_COLETIVA_DA_PAISAGEM_DO_PARQUE_IBIRAPUERA/). Acesso em: 20 jul. 2023.

LOFEGO, Silvio Luiz. **IV Centenário da Cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro**. São Paulo: Annablume, 2004.

LOPES, Ana Lúcia. A dimensão educativa do Museu Afro Brasil. *In*: MUSEU Afro Brasil. São Paulo: Banco Safra, 2010. p. 19-24. (Museus brasileiros, v. 29).

MARINS, Paulo César Garcez. O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 6-7, n. 1, p. 9-36, 1998-1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-47141999000100002>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MATTHIESEN, Ulf *et al.* **Kulturlandschaften als Herausforderung für die Raumplanung**. Verständnisse – Erfahrungen – Perspektiven. Hanôver: Verlag der Akademie für Raumforschung und Landesplanung, 2006.

MIGLIONICO, Rosa Itálica. **Parque do Ibirapuera: um ícone da paisagem paulistana**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MIGLIONICO, Rosa Itálica. Parque do Ibirapuera um ícone da paisagem paulistana do século XXI. *In*: TERRA, Carlos Gonçalves *et al.* **Paisagens culturais: contrastes sul-americanos**. Rio de Janeiro: Grupo de Pesquisa História do Paisagismo da UFRJ/Museu Nacional de Belas Artes, 2008. p. 385-393.

MUSEU Afro Brasil. São Paulo: Banco Safra, 2010. p. 15-18. (Museus brasileiros, v. 29).

MUSEU AFRO BRASIL EMANOEL ARAÚJO. **Apresentação**. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/apresentacao>. Acesso em: set. 2023a.

MUSEU AFRO BRASIL EMANOEL ARAÚJO. **História**. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/hist%C3%B3ria>. Acesso em: set. 2023b.

MUSEU AFRO BRASIL EMANOEL ARAÚJO. **Museu Afro Brasil – um conceito em perspectiva**. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/um-conceito-em-perspectiva>. Acesso em: set. 2023c.

MUSEU AFRO BRASIL EMANOEL ARAÚJO. **Plano Museológico da Associação Museu Afro Brasil**. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/docs-admin/documentos-institucionais/plano-museol%C3%B3gico.pdf?sfvrsn=0>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MUSEU AFRO BRASIL EMANOEL ARAÚJO. **Visite** – Parque Ibirapuera. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/visite/parque-ibirapuera>. Acesso em: set. 2023d.

NIEMEYER, Oscar. **Minha Arquitetura**. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

O IBIRAPUERA, ainda um parque inacabado. **O Estado de S. Paulo**, 22 jan. 1975.

OLIVEIRA, Fabiano Lemes. O Parque do Ibirapuera: projetos, modernidades e modernismos. *In*: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 5., 2003, São Carlos. **Anais [...]**. São Carlos: USP; Salvador: UFBA, 2003. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/048R.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

PLAMPER, Andrea. **Von der Kulturlandschaft zur Wunschlandschaft**. Die visuelle Konstruktion von Natur in Museen. Waxmann, 1998. (Internationale Hochschulschriften, v. 271).

REEH, Tobias; STRÖHLEIN, Gerhard; BADEL, Axel (org.). **Kulturlandschaft verstehen**. Göttingen: Universitätsverlag Göttingen, 2010. (ZELTForum – Göttinger Schriften zu Landschaftsinterpretation und Tourismus, v. 5).

SAUER, Carl. Morfologia da paisagem cultural. *In*: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 12-74. Obra original de 1925.

SCHLÜTER, Otto. Die analytische Geographie der Kulturlandschaft erläutert am Beispiel der Brücken. *In*: HAUSHOFER, Albrecht (ed.). **Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde**. Berlin, 1928. p. 388-411. (edição especial).

SOBOTKA, Hanna; GOTZMANN, Inge (org.). **Kulturlandschaft Wald – Kulturdenkmal des Jahres 2023**. Bund Heimat und Umwelt in Deutschland (BHU), 2022. (folheto).

VAZ, Tatiana. Quem é Joseph Safra, o banqueiro mais rico do país. **Exame**, 27 mar. 2013. Disponível em: <https://exame.com/negocios/quem-e-joseph-safra-o-banqueiro-mais-rico-do-pais-mesmo>. Acesso em: 27 abr. 2022.

WÖBSE, Hans Hermann. Historische Kulturlandschaften als Objekte des Naturschutzes. *In*: KOWARIK, Ingo; SCHMIDT, Erika; SIGEL, Brigitt (org.). **Naturschutz und Denkmalpflege**. Wege zu einem Dialog im Garten. Zurich: VDF Hochschulverlag, 1998. p. 157-168.